



# IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

## IV Simpósio Lusobrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

**Maria Angélica Da Silva-** [mas@pq.cnpq.br](mailto:mas@pq.cnpq.br)

Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutora, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, bolsista de produtividade do CNPq

**Érica Aprígio De Albuquerque-** [ericazinhaaprigio@gmail.com](mailto:ericazinhaaprigio@gmail.com)

Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Arquiteta, mestranda do Programa de Pós Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas.

### Conventos, mapas e cidades no século XVII e no presente: conjecturas urbanas através de dobras e superposições cartográficas

#### Resumo

Mapas verbalizam histórias. Através de um conjunto de cartas seiscentistas, contrapostas a vistas aéreas, fotografias e desenhos gráficos, analisou-se as transformações urbanas de quatro localidades situadas no Nordeste do Brasil. Para propiciar uma situação de contraste, foram escolhidas duas cidades de maior porte, capitais de Estado – Salvador, capital da Bahia, e Recife, de Pernambuco – e duas cidades médias, Marechal Deodoro e Penedo, ambas em Alagoas. Para este estudo iconográfico, partiu-se de um elemento arquitetônico que praticamente acompanhou estas cidades desde o surgimento: as casas conventuais franciscanas. Sabe-se que os franciscanos eram os frades da cidade. Através da disposição geográfica, da implantação e dos usos de suas casas, foi possível analisar as transformações dos centros históricos dessas cidades. As mudanças no tempo e no espaço foram trabalhadas a partir de programas computacionais, amparados em busca bibliográfica e outras fontes primárias que propiciaram lastro para analisar o suceder dos desdobramentos das áreas ocupadas pelas edificações religiosas, em especial as áreas fronteiriças às urbes, ou seja, os adros e cercas. Estes foram gradativamente se movendo de sua destinação sacra para usos laicos. Ao final, o trabalho com as imagens apresenta seus resultados que, além de comprovar os estudos textuais, demonstram a capacidade que a cartografia possui de permitir uma clara leitura das situações urbanas investigadas.

**Palavras – chave:** cidades do Nordeste do Brasil, cartografia urbana seiscentista, arquitetura conventual, infográficos.

## **Abstract**

Maps are a means of articulating history. Through a set of 17th Century charters, set against aerial views, photographs and graphic designs, an analysis was conducted of urban changes in four localities situated in the North-East of Brazil. For comparative purposes, two large cities were chosen, both State capitals – Salvador, capital of Bahia and Recife of Pernambuco – together with two average-sized towns, Marechal Deodoro and Penedo, both in Alagoas. This iconographical study set out by examining the architectural elements that reflected the historical development of these cities and towns from their origins: the houses of the Conventual Franciscans. It is known that the Franciscans were the friars of the city. By examining the geographical disposition, building and uses made of these houses which were strategically placed in the town centre, it was possible to analyse the alterations that occurred to the historic centres of these cities. The changes in both time and space were defined with the aid of computer programmes, supported by bibliographical data and other primary sources. These allowed a solid basis to understand the changing in the areas devoted to religious buildings, particularly their forecourts and backyards, which were gradually replacing their spiritual functions with secular uses. Finally, the work undertaken with the images shows the results with great clarity, and, as well as corroborating the validity of the textual studies, this demonstrates the ability of cartography both to instruct and to make accessible a visual reading of the urban situations being investigated.

## **1. Mapas: desafios e aventuras nas cidades**

Mapas são textos narrativos que verbalizam histórias inseridas nos contextos culturais em que foram fabricados. Sabe-se que nos primeiros séculos da colonização da América e motivados por este contexto, a produção de mapas sofrerá dramáticas alterações. Se as primeiras cartas que retrataram o território brasileiro ainda se valeram de um vocabulário que se apoiava no discurso figurativo, no âmbito da descrição imaginária, este vai perdendo espaço rumo ao desenho pautado nos sistemas gráficos de projeção. Lentamente, tais imagens de cunho figurativo vão sendo conduzidas para as partes menos importantes da carta. Buscando a representação mais fiel ao visto, vão gerar um material específico sobre a terra e aos poucos, sobre lugares urbanos. Se os trabalhos de Hartmann Schedel (1493), Abraham Ortelius (*Theatrum Orbis Terrarum*, 1570), de Sebastião Munster (*Cosmographia Universalis*) avançam rumo à busca da expressão cada vez mais fiel e mais próxima em termos de escala, finalmente, o compêndio organizado por Georg Braun e Franz Hogenberg (*Civitates Orbis Terrarum*, 1572-1680) já reportando mais de 5 centenas de cidades vai, de certa forma, retornar à figuração mas deixando dominar o rastreamento vertical da terra e adotando a perspectiva a olho de pássaro no caso da projeção em vista.

Portanto, quando na margem oposta ao Atlântico, em terras americanas, os lugares urbanos ensaiam sua presença na costa do futuro Brasil, quase simultaneamente desenvolvem-se as técnicas de representação que permitirão que as feições das cidades se revelem. A presença no Brasil no século XVII, de importantes cartógrafos portugueses, aliada ao fato da União Ibérica ter provocado a invasão holandesa de parte da colônia, trouxe como consequência, o somar do trabalho da cartografia lusa à dos Países Baixos. Assim, quase em paralelo ao processo de representação das mais importantes cidades do mundo, as pequenas vilas e cidades do Nordeste do Brasil foram cartografadas.

Utilizando-se deste material, cada vez mais disponível através da rede mundial de computadores ou através da consulta do material in loco, em arquivos no Brasil, em Portugal e na Holanda, foi realizada uma pesquisa que buscou observar, tendo como apoio as atuais ferramentas dos programas de manipulação de imagens, diversos aspectos do desenho urbano dentro da metodologia da análise comparada. Partindo de um universo de vinte

idades, foram realizadas várias investigações das quais foi selecionado, para tema desta comunicação, um exercício que analisará 4 delas a partir da escala dos monumentos arquitetônicos.

Portanto, é tratando a arquitetura enquanto objeto urbano que foi realizada a pesquisa, suportada por vários outros trabalhos acadêmicos<sup>1</sup>. Dentre os vários monumentos que formam a cidade, foram escolhidos os conventos franciscanos. Na colônia, afora as edificações de segurança, é a arquitetura religiosa - com destaque pela importância e pela extensão de suas áreas, os edifícios monásticos – que dão consistência civilizacional aos espaços habitados.

Dentre as Ordens, a franciscana se sobressai neste ponto de vista pela vocação declarada às cidades. São Francisco se expressará claramente favorável à itinerância dos seus frades e à necessidade de estarem onde o povo está. Portanto, como religiosos da cidade, estes frades posicionarão suas casas conventuais em localização propícia que combina as condições para a vida contemplativa e a possibilidade de servirem, de perto, às comunidades.

Na comitiva que acompanha Pedro Álvares Cabral na viagem em que acessa as terras da América, estarão frades franciscanos que celebrarão a primeira missa e erguerão a primeira cruz em terras que desconhecem o Cristianismo. As mesmas cruzeiras serão erguidas continuamente à medida que os primeiros povoados e vilas vão surgindo e depois, estarão à frente das edificações religiosas que serão de pronto construídas, protegendo os templos a Deus. O primeiro convento franciscano será erguido em Olinda, sob a devoção de Nossa Senhora das Neves, em 1585. Prossegue a construção de mais treze casas no Nordeste totalizando mais de duas dezenas em toda a colônia, nos primeiros séculos da colonização. Estas casas compartilharão com outras edificações religiosas, o sinal da cruz, exibindo grandes cruzeiros, em seus adros, ao que se soma como mais uma razão, a devoção explícita à paixão de Cristo, própria da ordem seráfica. Estes fatos vão se registrando nas vilas e cidades e compõem suas fisionomias, sejam pelas marcas materiais das construções, seja pelas práticas coletivas religiosas, como procissões, cerimônias de sepultamento entre outras que ocorrem balizadas pelas edificações cristãs.

Hoje, no Nordeste, aqueles quatorze conventos ainda se mantêm. Todos eles foram total ou parcialmente tombados, e portanto são considerados monumentos nacionais. Ainda hoje se destacam na paisagem urbana, embora apenas oito permaneçam habitados por frades. No passado, além da função religiosa, o convento oferecia à cidade préstimos na doença e na pobreza, difundia as letras, acudia peregrinos e visitantes, guardava bens, promovia os enterramentos, servia de refúgio nas guerras, sinalizava para as tribos nativas em processo de conversão que ali habitavam povos próximos aos frades. Portanto, intensas práticas da vida urbana estavam relacionadas à edificação e seus moradores.

---

<sup>1</sup> Uma das linhas de investigação do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, registrado na Base Lattes do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), é a cartografia urbana. Trilhada há mais de dez anos, vale-se de projetos realizados pelo Grupo com o apoio do CNPq, CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), Fundação Calouste Gulbenkian (Portugal) e FAPEAL (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Alagoas) através de atendimento a editais, ao que se somam resultados de trabalhos finais de graduação, dissertações e teses produzidos por seus membros e pesquisa de pós doutoramento realizada em Portugal pela coordenadora do Grupo com o apoio da CAPES.

No presente, com poucos ou nenhum frade, continuam, no mínimo, marcando a paisagem com suas edificações e vastas áreas livres dos adros e cercas, embora muitas vezes diminuídas por agregações à malha urbana. Portanto, pela permanência física e pela importância prolongada através dos séculos, os conventos franciscanos foram tomados como objeto de balizamento da investigação aqui apresentada <sup>2</sup>. Dentre as vinte cidades e os quatorze conventos, foram selecionados quatro exemplares. Dois situados em cidades que hoje alcançaram estatuto de metrópole (Salvador, na Bahia, e Recife, em Pernambuco) e dois outros em cidades médias (Marechal Deodoro, em Alagoas), proporcionando assim condições de análises urbanas variadas.

## **2. A cidade nos mapas**

Mapas e vistas urbanas, documentos primordiais nesta pesquisa, foram aliados a outras fontes de informação visual, bem como às fontes escritas. Desta forma, a possibilidade de buscar significados e informações na cartografia se ampliou. Além disto, o uso das novas mídias, em especial em fotografias e vistas aéreas, somado ao remanescentes materiais das edificações arquitetônicas visitadas, estenderam a diversidade de leituras e as interpretações cartográficas. Esta é portanto, uma proposta de investigar os mapas como em uma operação de arqueologia urbana, buscando apresentar informações acerca das várias camadas temporais cujos extratos puderam ser acessados através da pesquisa.

A escolha dos conventos, como se viu, deu-se inicialmente pelo impacto na ocupação quantitativa do espaço citadino nos primeiros momentos que as vilas e cidades se implantaram no Brasil. A tais argumentos se somam as razões de ordem qualitativa, pois estes conventos sempre se instalaram em locais privilegiados, influenciando no desenho urbano das vilas e cidades. Dispondo de extensas áreas não edificadas, próximas a cursos d'água, de pontos de escoamento de produtos, e em locais estratégicos no que tange à visualização do entorno e portanto, de vigília quanto aos ataques de inimigos, adquiriram, por conseqüência, a possibilidade de agregar magníficas paisagens naturais dentro e para além dos seus muros. Hoje, passados os séculos, são responsáveis pela manutenção de importantes áreas livres e arborizadas dentro de congestionados centros históricos.

Além disto, a proposta erudita que norteava a edificação, seguramente trouxe impactos na estruturação dos núcleos urbanos a que pertenciam. A todos estes aspectos, a cartografia seiscentista permite o acesso a informações significativas.

Embora a intenção seja a leitura da arquitetura enquanto objeto urbano, o ponto de partida é o entendimento de que as paisagens se constroem não apenas com o reticulado, com a materialidade das edificações, com os recursos da topografia, mas também com seus habitantes. Portanto, para entender a cidade, cabe acompanhar as pessoas que se movem nestas paisagens: seus hábitos, crenças e posturas. Observando os detalhes do material cartográfico, foi possível levantar algumas considerações sobre este aspecto, tão caro à história das mentalidades.

---

<sup>2</sup> A relação entre o franciscanismo e a cidade também pode ser ver observada em Portugal. Ver SILVA, 2010.

Será apresentado um conjunto de exercícios de superposições cartográficas e os jogos de montagem. Estarão sob análise diversos tipos de permanência que os estudos cartográficos revelam, as atitudes urbanas que sinalizam, mas também pontos que deixam completamente obscuros ou intrigantes. Como se verá, adros e cercas conventuais, desconsiderados nos planos de proteção do patrimônio de valor histórico, foram constantemente desmembrados para se incorporarem no tecido urbano, na forma de praças, ruas ou simplesmente cedendo espaço para a construção de edificações.

Este recorte espacial, contempla duas das mais antigas ocupações urbanas do Estado de Alagoas, as atuais cidades de Marechal Deodoro e Penedo; Recife, o mais importante núcleo ocupacional dos holandeses em Pernambuco e a primeira cidade do Brasil, Salvador. Portanto, equilibra casos mais conhecidos e menos estudados, todos eles referendados pela cartografia histórica.

### **3. Exercícios cartográficos e infográficos <sup>3</sup>**

#### **3.1 Salvador, Bahia**

Na condição de primeira cidade do Brasil, Salvador recebeu grande atenção dos cartógrafos da colônia, inicialmente dos portugueses com os trabalhos da família Albernaz. A explícita função de suporte aos trabalhos da guerra fazem com que estes mapas exibam as figurações próprias desta temática, com a implantação ordenada dos navios no mar e das estruturas de ataque e defesa em terra. Apesar desta intenção, observa-se nos detalhes importantes informações sobre o desenho urbano, como o arruado, a implantação das quadras com seus centros verdes, preenchidos pelos quintais e a presença das edificações religiosas em destaque, seja pela área, seja pela nomeação.

O convento franciscano de Salvador foi fundado 1587. Dentre as cartas seiscentistas, escolheu-se a da Planta da *Restituição...* de 1631 para análise. A ferramenta do zoom permite que se observe o convento no fundo da rua que leva à área principal da cidade, ou seja, o Terreiro de Jesus, fazendo limite com o murada e as baterias de defesa, dirigidas para a parte baixa. Comprimido pela necessidade de ficar próximo do núcleo urbano, contudo pode ainda usufruir de generosas áreas externas para seu adro mas em especial, para a sua cerca, embora em declive e com zonas de alagamento.

O adro, alonga-se em uma das suas dimensões, pela necessidade de adequar-se a uma localização que já abrigava diversas edificações importantes. Sobrados esguios que logo surgiram com o crescimento da cidade, dotaram-no de um foco visual que não lhe amesquinhou a grandiosidade pretendida. Porém este efeito apenas é vislumbrado no local. Na cartografia, como se vê abaixo, apresenta-se com evidente estreitamento e aparentemente, incapacitado de cumprir sua função de cone perspectivo.

---

<sup>3</sup> Denominamos “infográficos” manipulações realizadas sobre fontes cartográficas e/ou fotográficas, deixando traços visíveis do material original ou apenas o resultado gráfico da manipulação. Com exceção dos que estão nomeados nas imagens, todos os outros trabalhos imagéticos de suporte deste artigo foram produzidos por Érica Aprígio de Albuquerque.





Figura 1: *Planta da Restituição da Bahia*, João Texeira Albernaz (1631), com o convento de Salvador em detalhe à direita, enfatizando a área do adro. Museu do Itamarati, Rio de Janeiro.

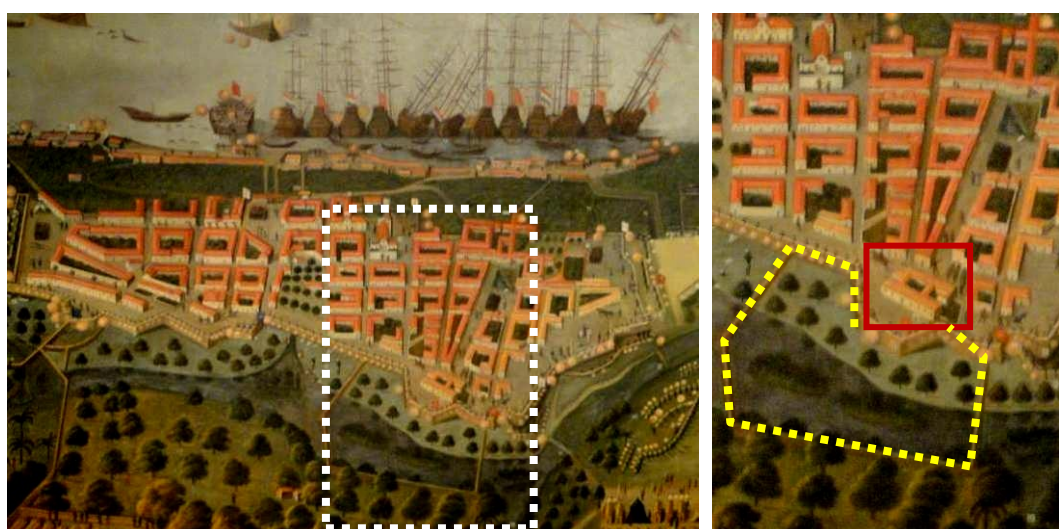
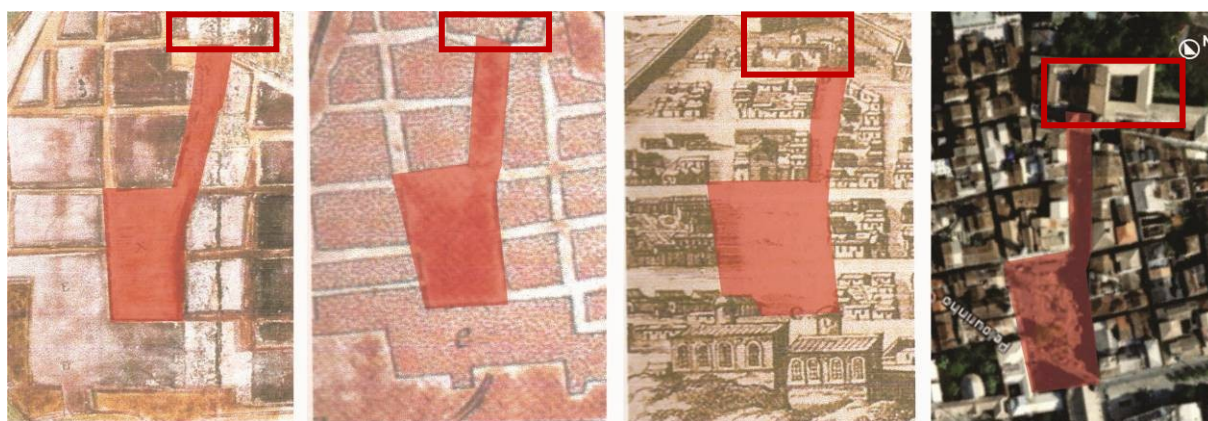


Figura 2: *Restauración de La ciudad de Salvador y Baía de Todos los Santo em La provincia del Brasil* por Tomás Tamayo de Vargas, produzido em 1628. Carta de Salvador com detalhe à direita destacando a cerca que compõe, com o resto do vale, uma extensa reserva vegetal da cidade. Reprodução do Museu da Marinha, Rio de Janeiro.

Vê-se no percurso imagético mostrado a seguir, que o mesmo ainda se traduz em um vazio de extensas dimensões, embora tenha sofrido grande segmentação por ruas e implantação de mobiliário urbano.



(a)

(b)

(c)

(d)

Figura 3: Comparação das áreas do adro franciscano de Salvador e do Terreiro de Jesus: (a) em mapa de Diogo de Campos Moreno, c. 1625; (b) na carta *Civitas Salvador*, em Barléu, 1647, (c) em Montanus, c. 1625 (d) no Google Earth, 2011. Acervo iconográfico do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

Quanto ao uso, no passado, devido à sua ligação com o Terreiro de Jesus, comportou-se como palco das mais diversas manifestações da história e como lugar de intenso convívio da sociedade colonial. Um espaço físico que foi configurado pelas práticas católicas, dos negros e indígenas, que ali tiveram sua aldeia antes da presença portuguesa. A detalhada iconografia holandesa permite ver cenas do cotidiano que ocorriam neste adro, apresentando os habitantes da cidade em suas atividades de convívio, trocas, comércio etc.



Figuras 4 e 5: Adro de Salvador como local de socialização e trocas. Fonte: (19) Detalhe de mapa do livro *Reys-boeck* de 1624; (20) <http://www.travel-images.com/photo-brazil202.html>, autor e data não identificados.

A área do convento franciscano também foi reduzida para abrigar novos edifícios e logradouros e atender às demandas de crescimento urbano de Salvador. Os relatos historiográficos narram que a cerca dos franciscanos se limitava com a do convento das clarissas (A), separadas apenas por um curso d'água. Hoje o riacho (B) que passava por dentro da cerca, encontra-se coberto por uma via que segue seu traçado, e a fonte de água (C), que servia ao convento, ainda é visível na cidade.





Figuras 6 e 7: Movimentos de perda de área da cerca do Convento de São Francisco, Salvador. Iconográficos sobre originais do Google Earth, 2011.

### 3.2 Recife, Pernambuco

Além da importância de Pernambuco no contexto dos primeiros séculos coloniais, o povoado de Recife propriamente dito, ao ser escolhido como local para sediar a capital do Brasil Holandês, beneficiou-se de uma extensa iconografia. Dividia-se em duas partes, uma delas sobre a ilha de Antônio Vaz, ou Santo Antônio, escolhida por João Maurício de Nassau para edificar a cidade de Maurícia. Neste local já existia o convento franciscano de Santo Antônio, fundado em 1606. Às margens do Rio Capibaribe, com implantação privilegiada, o convento foi ocupado pelos holandeses e fortificado recebendo o nome de Forte Ernesto no ano de 1613. Ao seu lado, o conde iria construir o seu palácio e jardins. O mapa *Todas as fortificações (...) do Recife...* por João Teixeira Albernaz, produzido em 1626, mostra a localização do convento nos primeiros momentos do povoado, antes da ocupação dos holandeses. Nota-se também a expressão de sinais da configuração física do convento tais como a torre da igreja, o cruzeiro e a cerca, como pode ser visto em outras representações seiscentistas.



Figura 8: Mapa *Todas as fortificações (...) do Recife...* . João Teixeira Albernaz ,1626, com detalhe do convento de Santo Antônio, Recife, Pernambuco. REIS, 2000.



Já a carta holandesa do livro de Barleu que reporta Recife, mostra o convento já cercado, no centro de uma área fortificada. Assim ele permanecerá até a vitória portuguesa.

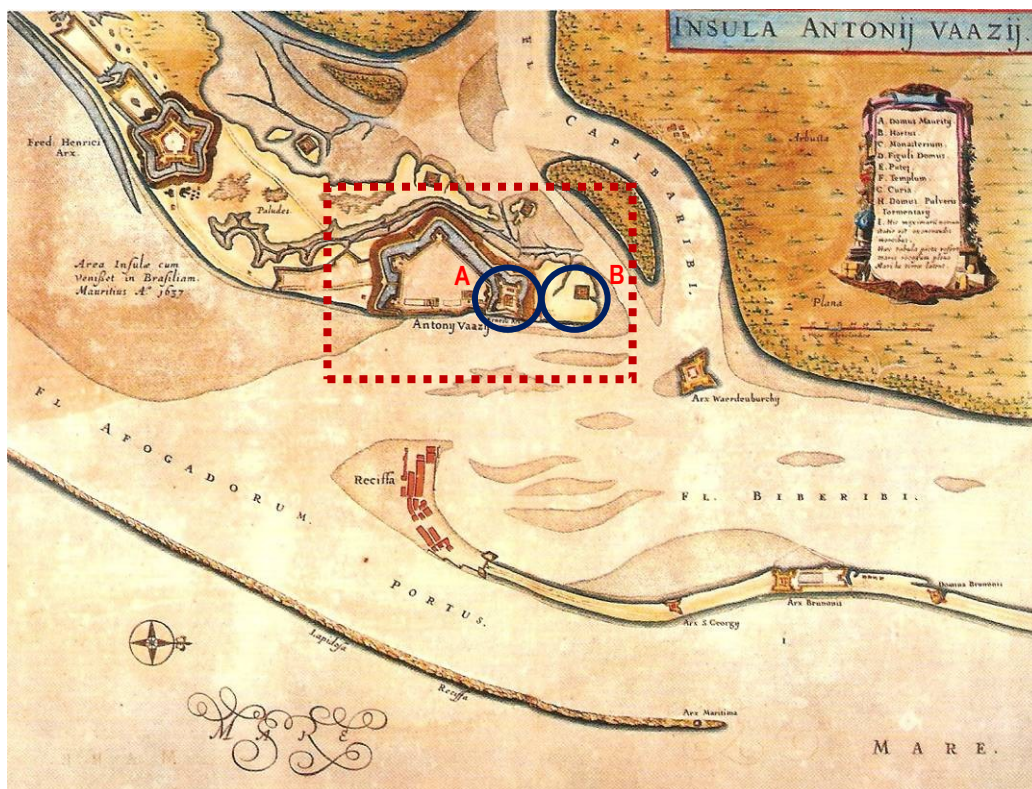
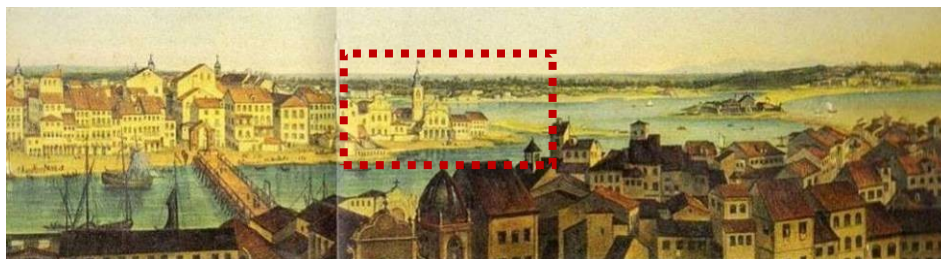


Figura 9: *Insula Antonij Vaazij* (ca 1637), no livro de Barleu (1647), atribuído a Golijath. (A) convento franciscano e (B) futura área do Palácio e Jardim de Nassau.

A passagem do tempo trará grandes transformações para esta área que se constitui hoje no centro mais antigo de Recife. No que tange ao convento, mesmo localizando-se próximo a zonas que foram ampliadas através de contínuos aterros, será penalizado pela intensa expansão urbana do centro daquela metrópole. No tocante à parte edificada, o convento teve alas subtraídas. Cerca e adro praticamente não mais existem.

A localização em frente ao rio chega até o século XIX. Pode-se percebê-lo à beira do canal com seu adro debruçado sobre o curso d'água. No detalhe da imagem, pequenos personagens mostram o adro em atividade.





Figuras 10 e 11: Duas vistas do convento de Recife voltado diretamente para fluxo de água e com seu cruzeiro no antigo lugar em que fora fixado. Trecho do “Panorama de Pernambuco” de autoria de Friedrich Salathé e Johann Steinmann (1826-1832). Fonte: Belluzzo, 1995, v. 3. Detalhe de gravura de autor não identificado.



Figuras 12 e 13: O convento e seu adro no século passado e na atualidade. <http://www.fotolog.com.br/tc2/46977033>, década de 20; Acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, 2010.

A obrigatoriedade imposta ao Convento de Santo Antônio de conceder abrigo para a Companhia de Cavalaria data de meados do século XIX. Em 1864, a Tesouraria de Fazenda da Província de Pernambuco, determinou que o então guardião, Frei João Baptista do Espírito Santo, “obrigava-se a ceder a parte do dito Convento por todo tempo que o Governo precisasse, não podendo fazer reclamação alguma.”<sup>4</sup>

No ano de 1887, registros mostram que os militares voltam a ocupar o convento franciscano, tanto suas áreas internas como parte da sua cerca. Não obstante, vem de períodos anteriores o movimento do terreno desta casa seráfica:

Sabe de sciencia própria que o Convento de Sto. Antonio do Recife é o único senhor possuidor da igreja, convento, hortas e terrenos compreendidos entre os dois braços do rio, sendo que o mesmo convento cedeu apenas em época remota (1665) os

<sup>4</sup> MUELLER, 1984, p. 88.



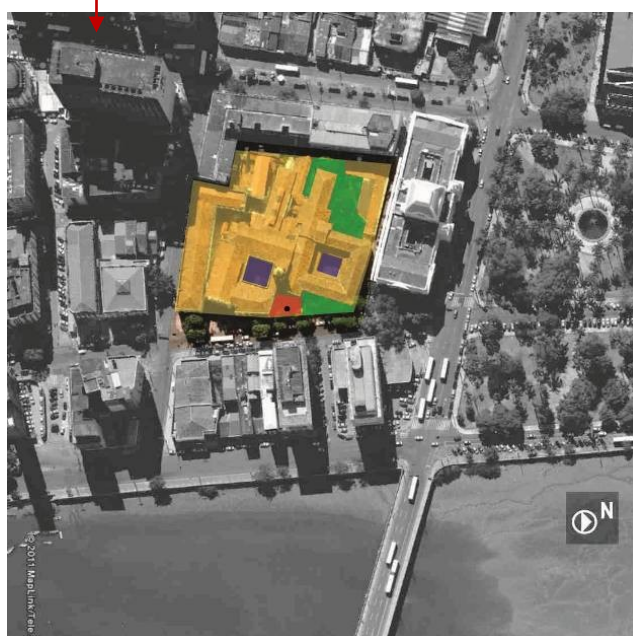
terrenos em que se encontra edificada a Ordem Terceira e as casas desta, à rua de São Francisco, João do Rego e Bela.<sup>5</sup>

No fim do século XIX, o convento realiza um acordo com a prefeitura, por meio do Frei Peregrino, para desapropriar parte do seu terreno a fim de alargar a Rua João do Rêgo (Florentinas). Em 1924, é lançada a pedra fundamental do Palácio da Justiça. Hoje, observando o local em vista aérea, vê-se que a área do palácio de Nassau e dos seus jardins permanece enquanto uso, considerando que é ocupada pelos jardins e palácio do governo do Estado. O convento tem à sua frente uma quadra urbana, perdendo o antigo acesso direto para o rio.



**Legenda:**

- Atual área do Convento de Santo Antônio, Recife
- Palácio da Justiça



**Legenda:**

- Atual área do Convento de Santo Antônio, Recife
- Claustros
- Área do Convento atual
- Atual área do adro
- Atual posição do cruzeiro

<sup>5</sup> Autos do Récipe de Rego, 1902, p. 44 – 45, apud. M. E. L. P., 1984, p. 90

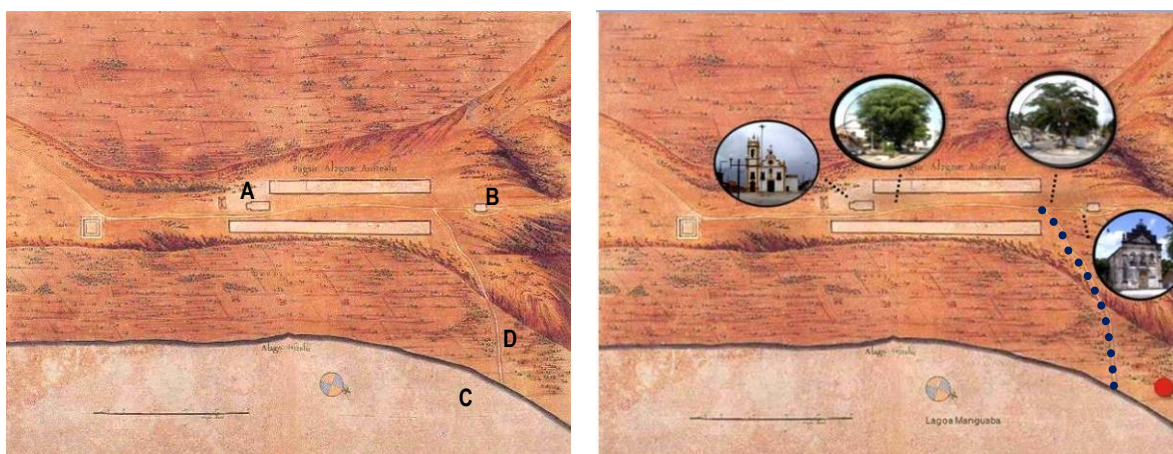


Figuras 14, 15 e 16: As zonas de cor localizam e destacam a atual área do convento franciscano do Recife perante as mudanças urbanas, entre as quais, a perda da frente fluvial. Infográficos sobre original do Google Earth, 2011.

### 3.3 Marechal Deodoro, Alagoas

Às margens da Lagoa Manguaba, próximo ao onde originalmente se implantou a Vila de Santa Maria Madalena, atual cidade de Marechal Deodoro, descansa o Convento Franciscano de Santa Maria Madalena. Em pouco tempo, mesmo tendo se localizado, em sua origem, no fim das ruas da vila, foi o convento envolvido pela malha urbana uma vez que estimulou o crescimento da mesma em sua direção, como se verá nas imagens a seguir.

A mais antiga representação gráfica conhecida da vila é uma gravura holandesa publicada no livro de Barléu em 1647. Atribuída a Frans Post, esta planta permite avaliar e identificar os elementos embrionários de fundação deste assentamento urbano: os templos religiosos com seus adros e equipamentos ainda hoje existentes: igrejas de Nossa Senhora da Conceição (A) e de Nossa Senhora do Rosário (B), o porto ancoradouro (C) e ainda o traçado do seu arruado primitivo (D). Estes pontos nos possibilitam levantar hipóteses sobre a trama urbana da vila, seu processo de crescimento urbano e a provável localização do seu convento franciscano, que foi acoplado ao mapa, através de manobra conjectural.



Figuras 17: *Alagoae ad Austrum*. Mostra as edificações religiosas mais antigas da vila e localiza o convento franciscano. Infográficos sobre carta do livro de Barléu (1647), Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

A casa conventual, desde o início de sua construção em 1660 até fins do século XIX, manteve uma interação cotidiana com a população. A seguir, o convento de Marechal Deodoro teve seu uso religioso interrompido. Para examinar sua implantação urbana, utilizou-se de material fotográfico, acompanhando-se os efeitos do processo de secularização sobre sua área. No que concerne ao adro, foi sendo alterada por diversas fragmentações e intervenções com vias e equipamentos urbanos, conferindo-lhe uma feição de praça.

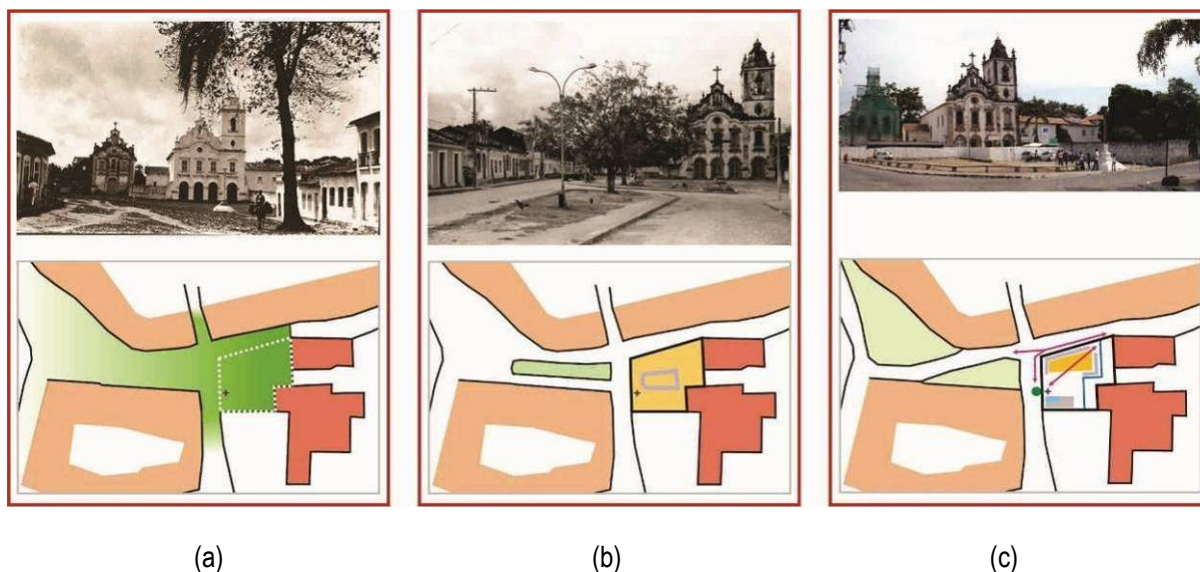


Figura 18: Movimentos das áreas do adro franciscano de Santa Maria Madalena: (a) no início do século XX, (b) no final do século XX, década de 70 e (c) início do século XXI. Infográficos sobre originais. Fotos do acervo da Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas, s/ data.



Figura 19: Vistas do adro e do entorno próximo ao conjunto franciscano em Marechal Deodoro. Fotos das autoras, 2008.

Quanto à área ocupada, esta sofreu grande perda a partir da construção de edificações de ensino, além de ocupações de baixa renda às margens da Lagoa Mangaba. É possível observar de modo mais completo por meio do esquema a seguir, onde faltou excluir a área de assoreamento da lagoa. Mesmo assim, vê-se claramente como o convento abrigava extensa área livre, de forte impacto urbano.



Figura 20: Área total original do convento: (A) adro, (B) edifícios conventuais, (C) cerca. sobre vista área do Google Earth, 2011.

### 3.4 Penedo, Alagoas

Na antiga Penedo do Rio São Francisco, elevada a vila em 1636 às margens do rio de mesmo nome e implantada na região mais elevada das redondezas, o convento franciscano de Nossa Senhora dos Anjos foi fundado, margeando pelo lado leste do que teria sido a muralha do antigo Forte Maurício.<sup>6</sup> Como no caso de Marechal, o convento não existia à época das invasões holandesas. Contudo, o estudo infográfico permite mostrar como sua implantação aderiu-se às estruturas externas do extinto forte.

Quanto a esta vila, também contamos com várias peças cartográficas seiscentistas produzidas pelos holandeses, que fizeram de Penedo o último bastião das terras ocupadas durante a invasão da capitania de Pernambuco. Dentre estas cartas, destaca-se a encontrada no livro de Barléu, onde se vê o arruado da vila, os caminhos e a pequena capela, futura igreja matriz, que foi cercada pelo forte.

---

<sup>6</sup> Forte edificado pelos holandeses na vila durante a administração do conde João Maurício de Nassau. Embora demolido, permanece como memória urbana. Um exemplo se encontra na toponímia: a via lateral de acesso ao adro do convento era denominada, até recentemente, Beco do Forte (MUNIZ, 2010:145).





Figura 21: *Castrum Mauritiij*, Marcgrav, 1647 (mapa 2). Marcação da área central da vila de Penedo e possível localização do convento junto aos limites do forte holandês. Escala aproximada. Infográfico em carta do livro de Barléu (1647), Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Cd-rom.

Por meio da iconografia antiga, conjectura-se que o convento e seu adro tiveram seu traçado definido pelos limites da fortificação que ali existira e deixara resquícios estruturais que influenciaram na malha urbana.

Vê-se como os estudos realizados sobre a cartografia permitiram observar vários movimentos da história urbana da vila, com a moldagem do convento a partir do desenho anterior do forte. Este por sua vez, também se acomodou à primitiva feição da vila, buscando operacionalizar uma implantação rápida e eficaz no sítio <sup>7</sup>. Assim, dobras e ajustes foram feitos para acompanhar as mudanças urbanas e, por terem sido registradas na cartografia, revelaram informações difíceis de acessar apenas a partir das fontes escritas.



Figura 22: Sobreposição do forte holandês sobre o traçado atual do Penedo mostra o alinhamento do convento franciscano. Fonte: Infográfico de B. Muniz, s/ data.

<sup>7</sup> Sobre este tema, ver a dissertação de Bianca Machado Muniz (2010), também pertencente ao Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem.

A partir do final do século XIX, a cidade reclamava mais espaço e avançava sobre as estruturas arquitetônicas que, pareciam constituir barreiras ao desenvolvimento urbano. Neste sentido, o adro passou a ser utilizado como logradouro público. Com a intervenção realizada no início do século XIX e seguintes adquiriu características formais de praça.

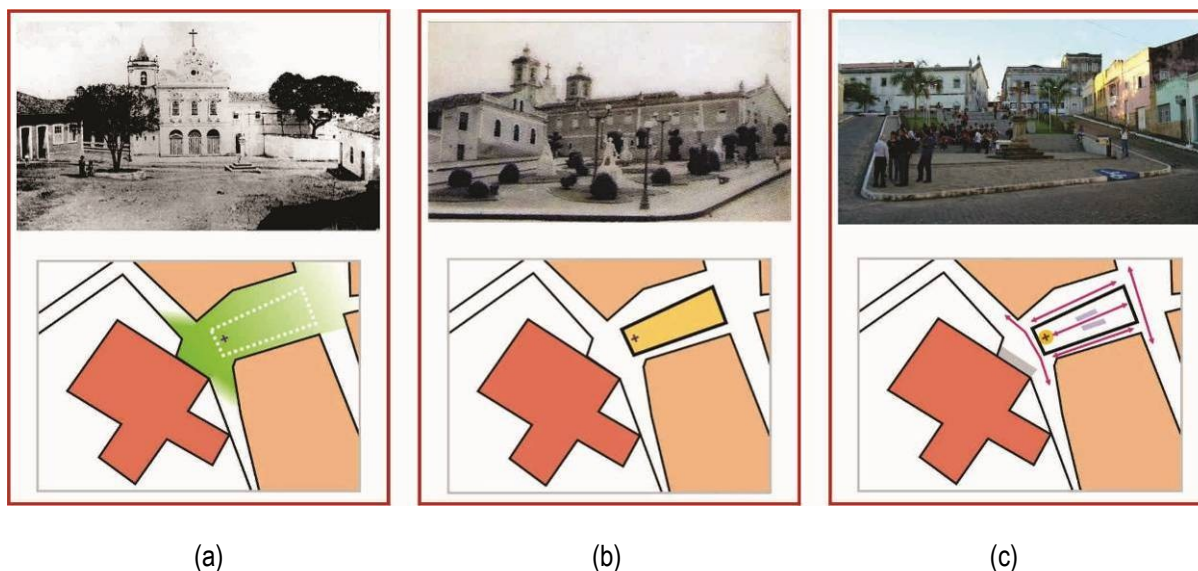


Figura 23: Movimentos das áreas do adro franciscano de Nossa Senhora dos Anjos no início do século XX, no ano de 1908, meados do século XX, e na atualidade. Infográficos sobre originais localizados no (a) Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, 1908; (b) Fundação Casa do Penedo, s/d. (c) foto das autoras, 2009.



Figura 24: Situação do adro frente as possibilidade de visibilidade dentro do traçado da malha urbana. Infográficos sobre vistas áreas da CODEVASF, 2009

A iconografia permite também mostrar como o adro, embora em declive, funcionava como um elemento de perspectiva, buscando conduzir a visão do crente à fachada. O seu escalonamento e feição de praça modificaram o seu impacto urbano e sua função primitiva, atrelada à arquitetura conventual.





Figura 25: Vistas do adro e entorno próximo ao conjunto franciscano em Penedo. Fotos das autoras, 2009.



No tocante à área total do Convento de Nossa Senhora dos Anjos, supõe-se que ela chegasse até o Largo de São Gonçalo. <sup>8</sup> Segundo as crônicas de Frei Jaboaão, "o mesmo capitão-mor doou mais outras 25 braças <sup>9</sup> naquelle mesmo anno, no lado de leste para acrescentamento dos muros e mais largueza da casa." Um de seus limites findava na Rua do Canto do Muro ficava descendo a Nilo Peçanha em direção ao Camartelo na curva da ladeira. <sup>10</sup>

Em 1936, a cerca do convento foi parcialmente cedida para a abertura de rua lateral. "Por título de doação passado a 31 de julho de 1670 a câmara cedeu um terreno com 50 braças dentro da villa pro lado do sul, com fundo para a várzea para edificação do convento".

De acordo com as exigências legais contidas na resolução nº 2 do Tomo I das Leis Provinciais das Alagoas <sup>11</sup>, datada de 1836, o poder público oficializava que:

Artigo 1º - Fica reconhecida a utilidade do terreno compreendido na cerca dos religiosos franciscanos da Villa do Penedo, exigido pela Câmara Municipal da mesma Villa e necessário para a abertura de uma nova rua e edificação de prédios.

Artigo 2º - Os mesmos religiosos franciscanos obrigados a vender o sobredito terreno, ou a particulares ou à mesma Câmara, na forma das leis existentes, ou conforme o contractado estipulado entre as partes.

Artigo 3º - Ficam revogadas todas as leis e disposições em contrário.

Na área instalou-se também o Mercado Público da cidade. Através dos infográficos, vê-se como, mesmo reduzida, a área do convento ainda é bastante significativa no tecido urbano e sua cerca representa a maior reserva de área verde no contexto do centro da cidade.



Figura 26: Marcação da possível área primitiva do convento e a situação atual. Infográficos sobre vistas áreas da CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e Parnaíba), 2010.

<sup>8</sup> SANTA RITA, 1965, p. 32 e 33.

<sup>9</sup> Segundo BUENO, 2003, p. 52, a braça equivale à medida de 2,20 m.

<sup>10</sup> SANTA RITA, 1965, p. 33.

<sup>11</sup> MERO, 1982, p. 31 e 32.

## **Conclusão**

O estudo da iconografia seiscentista contraposta a imagens atuais permite não apenas o estudo, mas a apreensão facilitada de informação, como em geral, ocorre quando nos valem os mapas. Enquanto ferramentas metodológicas, eles serviram para construir um discurso visual que permite acompanhar e comprovar fatos da história urbana, que textualmente, não alcançariam a força comprobatória que as imagens possuem.

Entendendo o enorme valor estratégico dos mapas, na conquista e manutenção dos territórios, no passado e no presente, mas também cientes do valor alegórico e simbólico dos mesmos, sempre usados para dar pistas e tornar o que é desconhecido, familiar, buscamos mostrar também que, como em um jogo em que os tempos se dobram, mapas, vistas, fotografias e infográficos somaram-se na busca da compreensão e enriquecimento dos saberes acerca de antigas e novas paisagens. Auxiliaram na elucidação de aspectos tanto no âmbito da arquitetura, quanto na do urbanismo. Ambos podem se apresentar complementares, conforme buscou-se demonstrar. O exercício realizado deixa claro a importância de aliar as fontes imagéticas às escritas e a necessidade de contrapor à exaustão as informações rumo a um melhor entendimento do complexo campo da história e do desenho urbano.

## **Bibliografia**

- ADONIAS, Isa. Mapa - Imagens da Formação Territorial Brasileira. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht Ed., 1993.
- ALBERNAZ, João Teixeira. Estado do Brasil Coligido das mais sertãs noticias q pode ajudar dõ leronimo de Atayde, por João Teixeira Albernaz (1631). Rio de Janeiro: Mapoteca do Itamarati, Ministério das Relações Exteriores.
- \_\_\_\_\_. Descrição de todo o marítimo da terra de S. Cruz, chamado vulgarmente, o Brazil. Feito por João Teixeira cosmografo de Sua Magestade. Anno de 1640, por João Teixeira Albernaz. Lisboa: Aeroportos de Portugal.( Edição integral, fac-similada a cores, do códice pertencente ao Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo / Lisboa).
- ALTAVILA, Jayme de. História da Civilização das Alagoas. Maceió: EDUFAL, 1988.
- BARLÉU, Gaspar. História dos feitos recentemente praticados durante os oito anos no Brasil, 1647. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.
- BAZIN, Germain. A arquitetura religiosa barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.
- BELLUZZO, Ana Maria de Moraes, The voyager's Brazil. São Paulo: Metalivros, 1995, 3v.
- BRAUNFELS, Wolfgang. Monasteries of Western Europe - the architecture of the orders. Londres: Thames and Hudson, 1993.
- BUENO, Beatriz Piccalatto Siqueira. Desenho e Desígnio: O Brasil dos engenheiros militares (1500 - 1822). Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
- CAROATÁ, José Próspero Jehovah da Silva Carocatá. Chronica do Penedo. In: Revista do IHGAL. Número 3, dezembro de 1873. Maceió, Typ. do Jornal de Alagoas, 1874.
- CAMPELLO, Glauco de Oliveira. O brilho da simplicidade: dois estudos sobre a arquitetura religiosa no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

**IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica**  
**ISBN 978-972-8932-88-6**

CERULLO, Flávia Campos. Olhares e memórias: representações históricas do rio São Francisco e da paisagem urbana de Penedo - Al. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

COELHO, Duarte de Albuquerque. Memórias Diárias da Guerra do Brasil (1654). In: CORTESÃO, J. História do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1971.

COSTA, Antônio Gilberto (org.). Roteiro Prático de Cartografia: da América Portuguesa ao Brasil Império. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

CRUZ, Evelyne Enoque. Arquitetura de memórias, os segredos do Pelourinho. (Trabalho final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo / UFAL). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

FERRARE, Josemary Omena Passos. Marechal Deodoro: um itinerário de referências culturais. Maceió: Edições Catavento, 2002.

\_\_\_\_\_. A Cidade Marechal Deodoro: do projeto colonizador português à imagem do "Lugar Colonial". Volumes I e II. Tese de Doutorado. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2006.

FLEXOR, Maria Helena Ochi e FRAGOSO, Frei Hugo (Orgs.). Igreja e Convento de São Francisco da Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2009.

FONSECA, Pedro Paulino da. Memória História da Fundação dos Conventos da Província das Alagoas. Rio de Janeiro: Typ. De Pinheiro e Cia, 1874.

\_\_\_\_\_. A Velha Cidade das Alagoas – recordação de suas antigas festas. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas, vol. XXII, Maceió, 1942/1943, pp.18-26.

FREIRE, Francisco de Brito. Nova Lusitânia: história da guerra brasileira (1675). São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004 (cd-rom).

FUNDAÇÃO GREGÓRIO DE MATTOS. Evolução Física de Salvador de 1549 a 1800. Salvador: Pallotti, 1998.

HERKENHOFF, Paulo. O Brasil e os holandeses: 1630-1654. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.

JABOATÃO OFM, Frei Antonio de Santa Maria. Novo Orbe Seráfico Brasílico ou Chronica dos Frades Menores da Província do Brasil, vls. I, II e III, Recife: Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco, 1980 (fac-simile da edição de 1859-1861-1862).

JACOB, Christian, L'empire des cartes – approche théorique de la cartographie à travers l'histoire. Paris: Éditions Albin Michel, 1992.

LAET, Joan de. História ou anais dos feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde o começo até o fim do ano de 1636. (1644). In: FREIRE, Francisco de Brito. Nova Lusitânia: história da guerra brasileira (1675). São Paulo: Beca Produções Culturais, 2004 (cd-rom).

LAGO, Pedro & Bia Corrêa. Frans Post (1612-1680): obra completa. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

LIMA, Ivan Fernandes. Ocupação espacial do Estado de Alagoas, Maceió:s/ Ed., 1992.

MAGALHÃES, Ana Cláudia Vasconcellos. Frades, artistas, filósofos : o convento de Santa Maria Madalena e a atitude franciscana frente à natureza : ontem e hoje. Dissertação de mestrado. Maceió: Programa de Pós Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas, 2005.

MARQUES, Alfredo Pinheiro. A Cartografia dos Descobrimentos. Lisboa: ELO, [S.d.].

MARX, Murilo. Seis Conventos, Seis Cidades. : Tese de doutorado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984.

\_\_\_\_\_. Nosso Chão: do sagrado ao profano. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.



**IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica**  
ISBN 978-972-8932-88-6

\_\_\_\_\_. Ar livre Barroco? In: Arte Sacra Colonial: barroco memória viva. Org. Percival Tirapelli. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p.26-33.

\_\_\_\_\_. Cercas Estigmatizadas, Geratrizes Consumadas. Comunicação apresentada no Colóquio “A Construção do Brasil Urbano”, em Lisboa/Portugal, 2000.

MELLO, José Antônio Gonsalves de & ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. Cartas de Duarte Coelho a El Rei: reprodução fac-similar, leitura paleográfica e versão moderna anotada. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1997.

MENEZES, Catarina A. A escrita no chão: a formação do território de Alagoas por meio de fontes coloniais. Maceió, 2011. Dissertação de Mestrado.

MERO, Ernani. A Província Franciscana no Brasil. Maceió: Sergasa, 1982.

MORENO, Diogo de Campos. Livro que da rezaõ ao estado do Brasil, 1616. Lisboa: Edições João Sa da Costa, 1999. Edição fac-similada do códice da Biblioteca Pública do Porto.

MUELLER, Bonifácio. Convento de Santo Antônio do Recife. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1984.

MUNIZ, Bianca Machado. Escavando a história: Um estudo do Forte Maurício no contexto da Arquitetura Militar do século XVII. UFAL, 2010. Dissertação de mestrado. Maceió: Maceió: Programa de Pós Graduação em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas, 2010.

REIS, Nestor Goulart. Imagens de vilas e cidades do Brasil colonial. São Paulo: FAPESP, 2000.

REIS FILHO, Nestor Goulart. Evolução urbana do Brasil (1500/1720). São Paulo: Editora PINI, 2000.

ROSENDAHL, Zeny. Hierópolis: o sagrado e o urbano. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1999.

SANTA RITA, Carlos. Uma Sociedade Chamada Imperial. Maceió: Deptº Estadual de Cultura, 1965.

SILVA, Maria Angélica. “Desenhos de territórios; revendo antigas vilas e cidades através de imagens.” In VALENÇA, Márcio Moraes & COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (org) . *Espaço, Cultura e Representação*. Natal: Editora da UFRN, 2005, p.7-27.

SILVA, M. A. . Towards the West: how Franciscan convents drew urban places in Portugal. In: X Conference Internationale d’Historie Européene., 2010.

SOUSA, Gabriel Soares de. Tratado descritivo do Brasil em 1587. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

VALENTE, Aminadab. Penedo sua história. Maceió, s.ed. 1957.

WILLEKE OFM, Frei Venâncio. A Primeira Ordem se Estabelece no Brasil. In: Anais do Museu Histórico Nacional, Ministério da Educação e Cultura, 1973, vol. XXIV.

\_\_\_\_\_. Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1975.

\_\_\_\_\_. Missões Franciscanas no Brasil. 2ª edição. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1978.

ZANDVLIET, Kees. Mapping for Money, Amsterdam: Batavian Lion International, 2002.

ZUMTHOR, Paul. La mesure do monde. Paris: Seuil, 1993.